



Arte de Sonia Nogueira

Sonia Nogueira

Silêncio que fala

Pelas mãos, do poeta o roçar da caneta elabora a palavra que liberta.

Para você leitor (a) _____

Com carinho e gratidão

Meu abraço poético. _____

Sonia Nogueira

Gratidão

Grata a Deus pelo dom da vida. Aos meus pais, exemplo de justiça e dignidade. Aos irmãos, sobrinhos, e raros amigos.

Aos leitores e amigos da arte que compartilham os mesmos ideais literários com respeito e igualdade.



Breve apresentação

A poesia se confunde com a origem da palavra, mesmo antes de ser escrita e impressa. Ela se manifesta na prosa, ou arte de qualquer gênero.

Esse livro contém algumas poesias merecedoras de concursos, sendo agraciadas em primeiro lugar ou menções honrosas.

Poesia é o retrato da alma. O escritor se vale dos símbolos, as letras, para exprimir sentimentos ocultos, deixar seu registro através do livro, e atualmente do grande veículo de comunicação, sem fronteira: a internet. A imaginação voa agarra-se ao lirismo, se confunde com a metáfora, que é uma figura de estilo comparativo implícito, embelezando a criação poética.

Leia, estimado leitor, com todo sentimento que lhe é peculiar nos momentos de alegrias, tristezas ou reflexivos. A arte é a poesia, a obra o poema, o poeta o artífice.

Sumário

Silêncio que fala

O Eterno

Olhando o Mar

Em regardant la mer

Cotidiano

O infinito

Dilema

À Minha mãe

Autorretrato

O Som das águas

Saudade é solidão

Saudade es soledad

Ao entardecer

Anoitecendo

Imortalidade

Quisera ter guardado

Antagonismo

A natureza

Quisera ter guardado II

A magia da mente

Momólogo

Ao som do piano

Tua Poesia é vida

Nas Tardes Frias

Quando o amor vacila

Gota a gota

Quem sabe

Fecho os olhos

Mentes poéticas

Devaneios

Magia de amar

Da janela

Não tem preço

Êxodo

Sedução

O segredo dos teus olhos

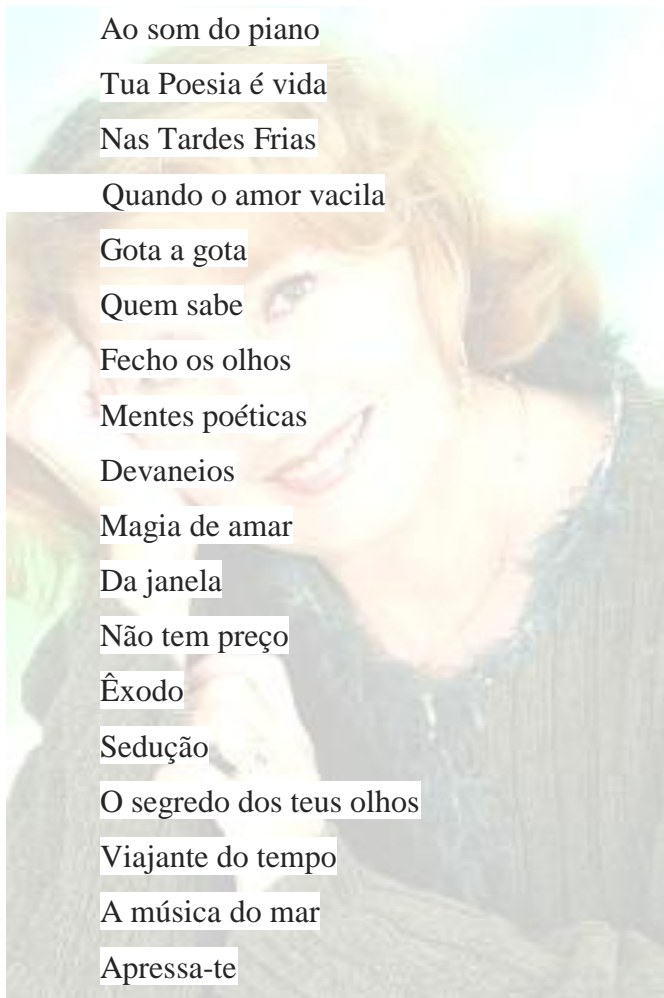
Viajante do tempo

A música do mar

Apressa-te

A força do abraço

Reencontro



Olhares que ficam

Pacto e emoção

Suplica

A canção do silêncio

Um segundo apenas

Metade de mim

Matemática do amor

Palavra Maravilhosa

Quisera ser papai Noel

Noite Natalina

Fragmentos dos Sonhos

Quando

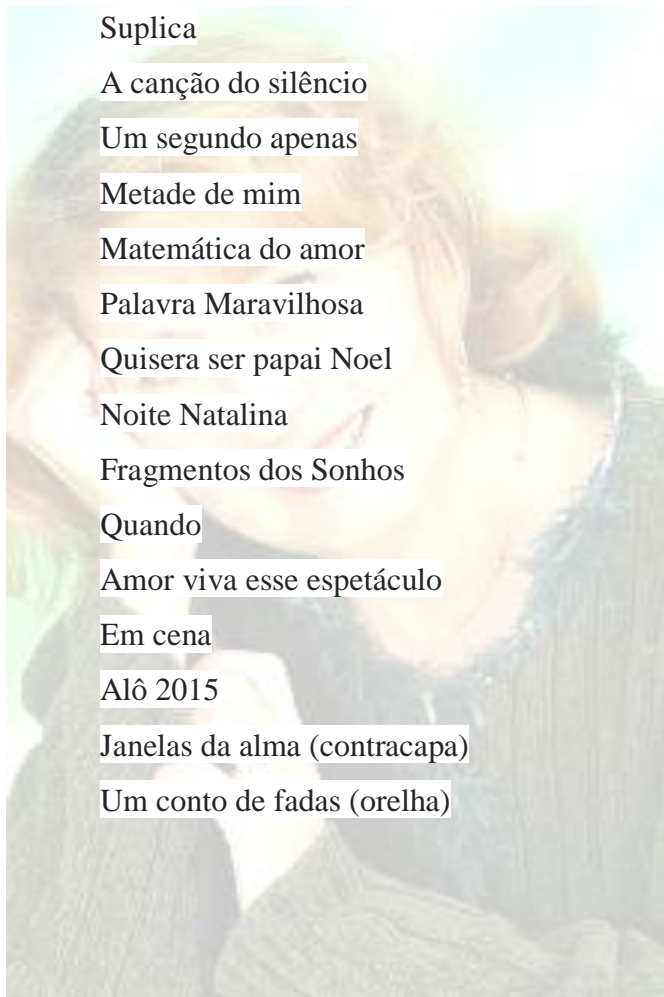
Amor viva esse espetáculo

Em cena

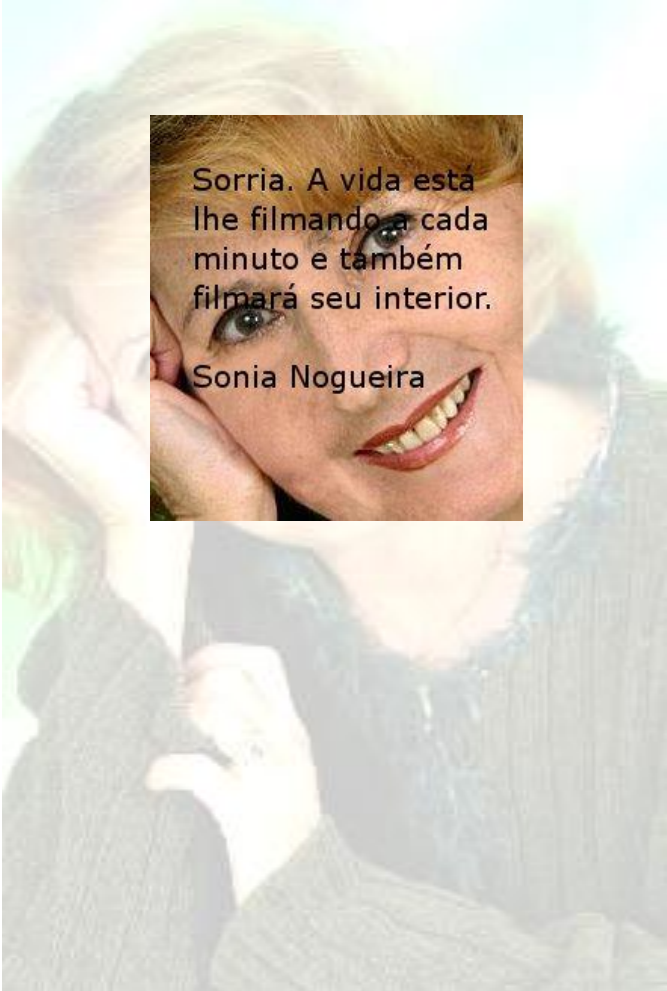
Alô 2015

Janelas da alma (contracapa)

Um conto de fadas (orelha)



Silêncio que fala

A woman with blonde hair is smiling and resting her head on her hand. The image is semi-transparent, serving as a background for the text.

Sorria. A vida está
lhe filmando a cada
minuto e também
filmará seu interior.

Sonia Nogueira

01 - Silêncio que Fala – (Fênix,02/07/16)

Todo silêncio ao coração contrito
Olhei no teu olhar sem emoção
Entrei em tua alma feito furacão
Vasculhei teu céu, não vi o grito.

Não vi teu grito, mas vi penumbra,
Solidão sem palavra, sem testemunha,
Corroendo o tempo, fazendo grunha,
Abrindo valas como canto em rumba.

Este silêncio embotando a alma
Faz moradia, me consome fria,
Quisera um naco da cronologia
Para burlar o tempo, ofertar a palma.

Pudera ser a luz que rompe treva
Alumiar o templo, chegar a ti,
Nas palavras escrever que te vi
Sem o invólucro erguendo a leva.

Na face contrita teu olhar amante
Qual um telão rijo, emoldurado,
Nenhum sorriso eu vejo abortado,
Só o silêncio envolve cada instante.

02 - O Eterno

Está em cada momento que vivemos,
Nas teclas que ecoa o som da canção,
Num minuto de olhar eternizamos
Inspiração da retina em combustão.

Procurei na paisagem, vi o arvoredo,
Na óptica o vácuo num infinito,
No limite, a imensidão do degrado,
No azul do espaço, ocultismo do grito.

Como eterno dos sonhos revi o amor,
Anseio do corpo para imortalidade,
Como se fosse uno o clarão refletor
Entre dois seres além-eternidade.

Na palavra escrita sobre a areia
Até ser tragada na onda do mar
Está o eterno da espera, a sereia,
Esperando do amado o seu olhar.

A paz que no mundo faz estampa
Fazendo da arma seu estandarte,
No corpo o bordado leva a campa
O coração necessita de baluarte.

O eterno é cada hora, com cautela,
Como se fosse sol doirando a terra,
A gota da água beijando a janela,
O sonho deslizando sobre a serra.

Façamos do tempo nossa moradia,
Como o luar que descortina a luz,
No ciclo da vida a água é valia,
A alma se eterniza na contraluz.

Poesiarte 1º lugar - 29/05/2009 SP

03 - Olhando o Mar

Olhando as ondas em igual tortura
O pensamento pousa embevecido,
No sonho mudo de eterna mistura
Contemplação outrora indefinida.

A visão fixa acompanha o bailado
Do líquido ondulado que flutua,
Num vai e vem em hino copulado
De letra e canção, sonata e lua.

O sol declina no ocaso indiscreto
Na ânsia incontida de perenizar,
Ao menos o fito da lua enamorada
Platônico amor da sina ao ocultar

Do sonho pretérito, acobertado,
Dista emoção no exílio, mudo,
Deserto de miragens sono e fado
Roçando o coração frágil, facundo.

Toda emoção envolta na penumbra

Dormita num suave pesadelo,
Abrindo confissão em vão desaba
Lágrima e riso flutuam em duelo.

O vento uiva na imensidão do ocaso
Na face, a brisa ativa sonhos infantes,
Sem validade resiste em curto prazo
As paixões que nunca foram amantes.

À noite dormitando disfarçada
Murmura em oração qual romeiro,
A voz no meu peito se amordaça
No tempo trágico, infiel, traiçoeiro.

-*1º lugar, poema, Rádio Claretiana FM,
Rios Claros, SP 2009; Odenir Ferro um dos
organizadores.

Editado na Antologia,
O Indiscutível Talento das Escritoras Brasileiras,
Organizado pela escritora Joyce Cavalcante

04 - Em Regardant La Mer

Tradução em francês

Je voyais les vagues se tordre,
Mes pensées m'ont absorbée
M'ont jetée dans un rêve muet
Où éternellement tout se mélege.

Contemplation à cette heure indéfinie,
La vision fixe accompagne le ballet

Du liquid nodulé qui fluctue
Dans un va-et-vient comme un hymne fait
De lettres, de chansons, de sonates et de lune.

Le soleil décline dans son couchant indiscret,
Dans le désir mal contenu de faire durer
Au moins le regard de la lune amoureuse,
Amour platonique à cacher du destin.

Tout son émotion s'enveloppe de pénombre
Endormie dans doux cauchemar
Ouvrant sur une vaine confession qui s'effondre.

Larmes et rires flottent dans deuil,
La nuit somnole, masquée,
Et murmure des prières comme le romarin,
La voix dans ma poitrine se bâillonne
Dans ce temps tragique, infidèle et félon.

Na Antologia
L'indiscutable talentes
Écrivaines Bresiliennes, Salon du Luvre de Paris,
2012

05 - Cotidiano

Silêncio nas madrugadas mudas,
só a voz do vento bate a janela.
A chuva tímida rabisca a lágrima,
lágrima triste que a mim se anela.

Voo na imensidão do pensamento

sem empecilho adentro tua alma
vazia, eu vi no olhar por telepatia
a melancolia, sina que me acalma.

Está aí no templo dos teus ventos
Regando a sintonia no cotidiano,
seria só ventura, mas os teus rebentos
ocultam as tormentas, vem o minuano.

Vento que varre, mas inda não limpa
a solidão que teu suor imprime.
Quisera fazer de ti à ressonância
das ondas sonoras partícula sublime.

Filtrar em cada emoção o teu pulsar
colando o ouvido no teu peito,
decifrar horas e minutos do oculto
em cada pulsação vivendo o deleito

dos dias, dos segundos, dos encantos,
que por aventura tiveste na passagem
dos anos peregrinos, dos desencantos,
sem mim, escondidos na bagagem.

Retorno à madrugada dos silêncios,
o sonho sucumbiu sem teu olhar.
Em cada despertar do meu cotidiano
Esta angústia louca em te ocultar...

3º lugar, medalha no Prêmio Buriti, 2012, SP

06 - O Infinito

O grito ecoou na hora primeira
Surgiu a vida parecendo infinito
Sabendo da finitude, ira obreira
Tremi vendo da natureza o rito.

Infinito é o sonhar na esperança
Parecendo magia contra o tempo,
Perpetuando o gene como herança
Espécime vorace em contratempo.

Deitei na imensidão, contei estrelas,
Tantas parecendo pingos em chuva,
Não sei se infinitas, porém singelas,
A mente desfigurada ficou turva.

O amor tema imortal, creio, restrito,
Ovação dos amores nasce e perece,
Rápido como gemido de tão finito
Fenece, renasce perdoa como prece.

Eu vi no infinito teu culto olhar
Em tanta profundidade me perdi,
Espelho transbordante ao mirar
Deus, que grandioso, nunca esqueci.

Classificada nas três primeiras colocadas
No Concurso Poesias Encantadas, 2010, Mogi
Guaçu SP.

Honra ao mérito

07- Dilema

Era tarde o sol estava declinando
roçando a água, magia habitual,
olhava eu, abismada ao ritual
tanta beleza cativa, meditando.

O vento açoitou levando imagem
nas horas que o Ângelo anuncia,
contemplação nas horas, agonia
fechei a mente, só via a aragem.

Deitada no dilema eu me perdi
presenciando a natureza, absorta
a mão Divina, a natureza morta
os que vieram, os que devem partir.

O bem duelando como as ondas
num dialeto quase sobre-humano
discurso entre guerras, desumano
primitivo ser, preservação profana.

Que força, a maldade se alastrando,
a terra bordada, no vermelho o grito
sussurro e gemido, a cama, o conflito
natureza e povo passível duelando.

Os olhos derramaram sobre a face

a pequenez da lágrima desvalida,
sono chegando e emoção falida
vi no dilema um mundo tão fugace.

3º lugar Salvador e Poesias sem Fronteiras SP

08 - À Minha Mãe

Quando em ti penso, mãe, ausência,
Cada lembrança é saudade terna,
Coração fragilizado, a mente ativa,
Na lágrima retida força e reserva.

Na foto desbotada sina e tempo,
A alma desolada em são momento
Arquiva dor suave presa ao vento
Trazendo angústia e tormento.

Foram frios meus verões, mãe,
Faltou a mão para me aquecer,
Gesto protetor da supermãe,
O zelo do olhar no alvorecer.

O vento soava triste e lento,
Em murmúrio de consolação,
O sonho pernoitava ao relento,
A vida viajava em turbilhão,

De buscas, de uma explicação,
Mas como entender a lei do alto

Que não pergunta ao coração.
Pode-se resistir tamanho assalto!

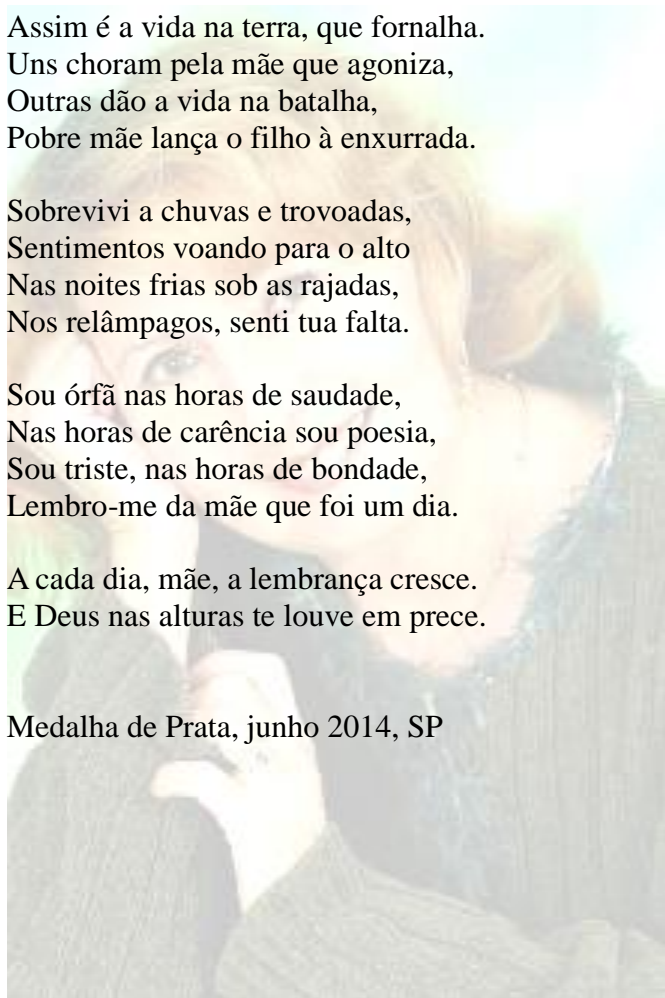
Assim é a vida na terra, que fornalha.
Uns choram pela mãe que agoniza,
Outras dão a vida na batalha,
Pobre mãe lança o filho à enxurrada.

Sobrevivi a chuvas e trovoadas,
Sentimentos voando para o alto
Nas noites frias sob as rajadas,
Nos relâmpagos, senti tua falta.

Sou órfã nas horas de saudade,
Nas horas de carência sou poesia,
Sou triste, nas horas de bondade,
Lembro-me da mãe que foi um dia.

A cada dia, mãe, a lembrança cresce.
E Deus nas alturas te louve em prece.

Medalha de Prata, junho 2014, SP



09 – Autorretrato

Procurei teu olhar no silêncio d'alma
Entrei sem temporal, muda, inquieta,
Nada vi, vasculhei vi tua calma,
Na calmaria das horas em muleta.

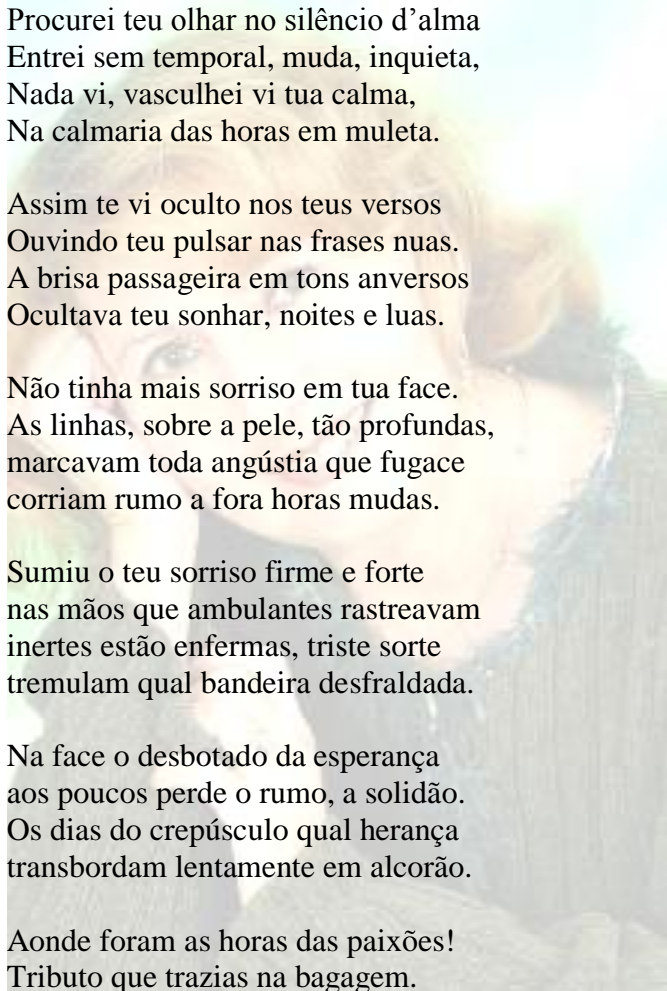
Assim te vi oculto nos teus versos
Ouvindo teu pulsar nas frases nuas.
A brisa passageira em tons anversos
Ocultava teu sonhar, noites e luas.

Não tinha mais sorriso em tua face.
As linhas, sobre a pele, tão profundas,
marcavam toda angústia que fugace
corriam rumo a fora horas mudas.

Sumiu o teu sorriso firme e forte
nas mãos que ambulantes rastreavam
inertes estão enfermas, triste sorte
tremulam qual bandeira desfraldada.

Na face o desbotado da esperança
aos poucos perde o rumo, a solidão.
Os dias do crepúsculo qual herança
transbordam lentamente em alcorão.

Aonde foram as horas das paixões!
Tributo que trazias na bagagem.
Restaram apenas rugas nos refrãos
Na pálida face rude da passagem.



Poesias encantadas, menção honrosa. SP

10 – O Som das Águas

Cada pingo umedecendo a terra,
Cada gota na face que caminha,
Aquele aliada aos tufões e serra,
Aqui a lágrima no peito se aninha.

Olhando a cachoeira vejo o som
O mesmo ritmo descendo, anistia
Vencendo a gravidade vem o tom
Fazendo melodia em eufonia.

Chorava a chuva fina no telhado
A madrugada recolhe-se comigo
O pensamento viaja estremecido
Juntando o sonhar, do eu contigo.

Nas ondas o gemido em poesia
Bilhões de pingos em orquestra
Cantam, e eu absorta em harmonia,
Entrego-me solidária nesta sestra

O rio nas enchentes toma espaço
Inunda feito mar, e o som final
Baila na correnteza e no mormaço
Qual música e serenata divinal.

Entrego-me nesta hora matutina
O sonho despojado, o sono aflito,
E no encontro da hora vespertina
O corpo confabula amor contrito.

3º colocada Salvador - Poesias sem Fronteiras
Coletânea, em SP

11 - Saudade é Solidão

A rua está deserta a noite é nua
O pensamento voa na saudade
O sonho? Ah! Moribundo vê a lua
Encontra outra solidão verdade.

Ambos se comungam na emoção
Embaixo das estrelas cintilantes
De tanto aportar ânsia e canção
A voz se faz ouvir em horas dantes.

Juntas companheiras inseparáveis
Caminham na saudade e solidão
Unindo horas vãs incalculáveis
Escravo de amores é o coração.

O peito ardente sofre sob a cruz,
As noites longas cantam o refrão,
Amanhã outro pensar em nova luz,
A alma de tão frágil unta as mãos

E prostram-se no altar, rios desertos,

Vivendo tanto amor eu me liberto
E rogo, e fujo adentro nos enxertos
Da mente protetora, o meu deserto.

A noite apaga o sol se trona rei,
Estrelas reluzentes bordam o Céu,
Silêncio e solidão copulam, é lei.
Tempo rasante, serei de ti um réu.

Integración de aBrace Editora. Argentina

12 - Saudade es Soledad

Conc. Itegracion-intagração

La calle está desierta, la noche desnuda
Mi pensamiento vuela con *saudade*
¿El sueño? No llega para ver la luna
Encuentra la verdadera soledad

Ambas comparten la emoción
Debajo de estrellas centelleantes
De tanto aportar ansia y canción
La voz se escucha desde antes

Juntas compañeras inseparables
Caminan *saudade* y soledad
Uniendo horas vanas incalculables
Esclavo de amores es el corazón

El pecho ardiente sufre bajo la cruz
Las largas noches cantan el estribillo
Mañana otro pensamiento en nueva luz

El alma de tan frágil unta las manos

Se postra ante el altar, ríos desiertos
Viviendo tanto amor yo me liberto
Y ruego, me horrorizo en los injertos
De mente protectora, mi desierto

La noche oculta al sol y se corona
Estrellas relucientes bordan el cielo
Silencio y soledad copulan, es la ley
Pasado el tiempo voy a ser culpable

Tradução em espanhol, antologia.
Na Argentina.



Arte de Sonia Nogueira

13 - Ao Entardecer

Olho o por do sol beijando o mar
abraçando a noite fria sem luz
sinto o coração desmoronar.
A lágrima chegando, beijo a cruz.

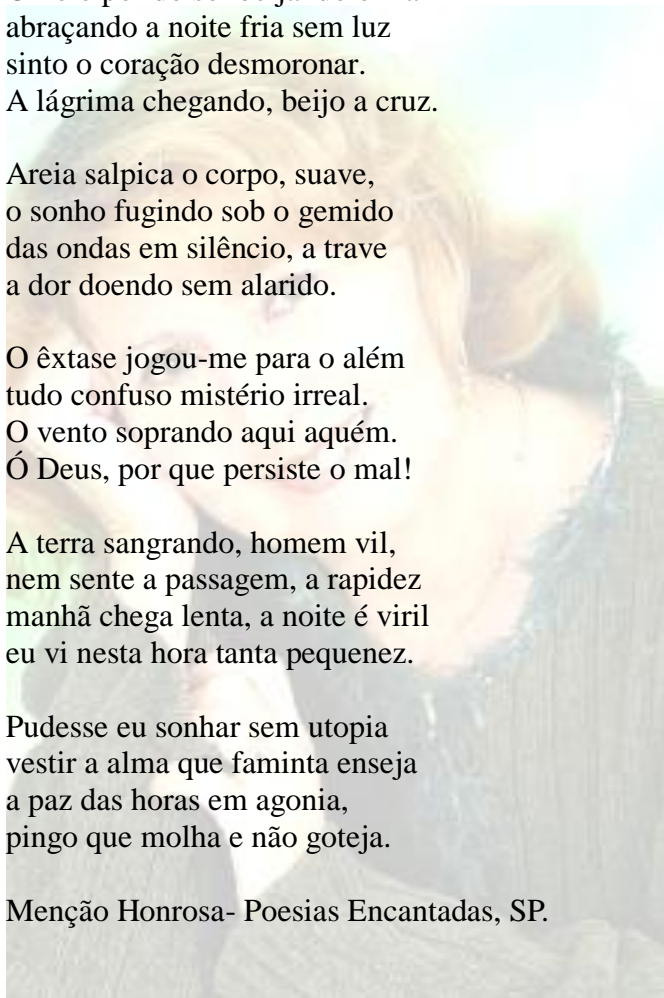
Areia salpica o corpo, suave,
o sonho fugindo sob o gemido
das ondas em silêncio, a trave
a dor doendo sem alarido.

O êxtase jogou-me para o além
tudo confuso mistério irreal.
O vento soprando aqui aquém.
Ó Deus, por que persiste o mal!

A terra sangrando, homem vil,
nem sente a passagem, a rapidez
manhã chega lenta, a noite é viril
eu vi nesta hora tanta pequenez.

Pudesse eu sonhar sem utopia
vestir a alma que faminta enseja
a paz das horas em agonia,
pingo que molha e não goteja.

Menção Honrosa- Poesias Encantadas, SP.



14 - Anoitecendo

Sentada na areia da praia deserta
O vento corria, a onda se agitava,
Grãos de areia meu rosto tocava
A mente contrita sonhava deserta.

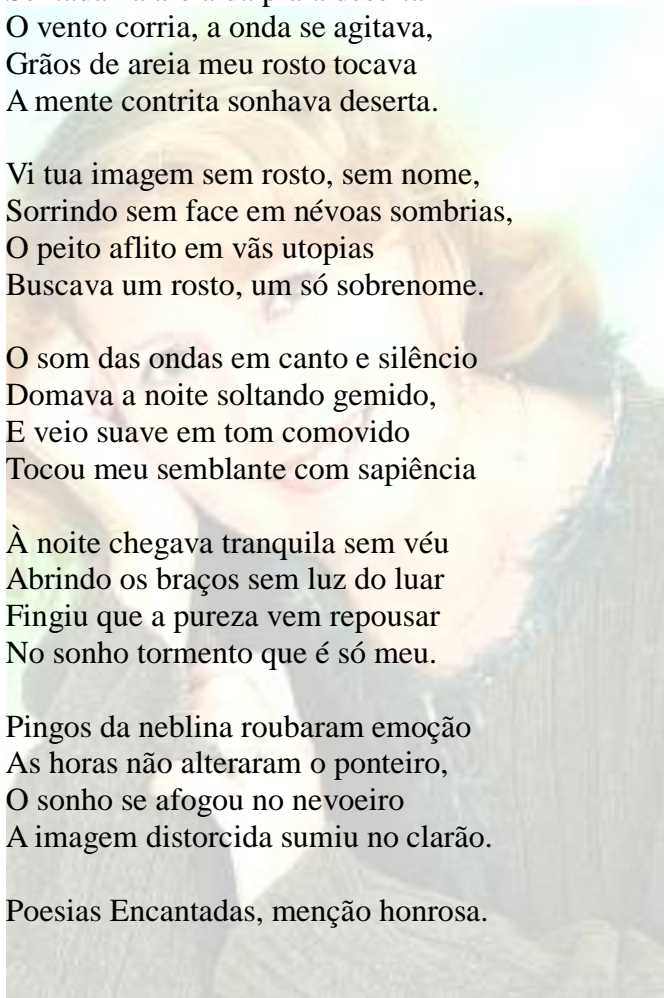
Vi tua imagem sem rosto, sem nome,
Sorrindo sem face em névoas sombrias,
O peito aflito em vãs utopias
Buscava um rosto, um só sobrenome.

O som das ondas em canto e silêncio
Domava a noite soltando gemido,
E veio suave em tom comovido
Tocou meu semblante com sapiência

À noite chegava tranquila sem véu
Abrindo os braços sem luz do luar
Fingiu que a pureza vem repousar
No sonho tormento que é só meu.

Pingos da neblina roubaram emoção
As horas não alteraram o ponteiro,
O sonho se afogou no nevoeiro
A imagem distorcida sumiu no clarão.

Poesias Encantadas, menção honrosa.



15 - Imortalidade

Procuo e te vejo em mil momentos
nas horas de tristeza estás contrita,
os olhos te procuram e já aflitos
desseca cada encanto onde habitas.

Nasceste sem preparo ou enxoval
foi da necessidade dos encontros,
unindo os rabiscos em um varal
daqui a dacolá nos desencontros,

pedaços de pensares te formavam
voando além fronteiras inquietas
de tantos os saberes se curvarem
o som por fim bradou, veio colheita.

O mundo te abraçou tímido, seletor,
e veio vagaroso em tal silêncio,
o grito sufocado abriu lamento,
passos trôpegos urgiram sapiência.

A força é tão gigante e imortal
levando na algibeira fósforo e tino
que acende o paiol, demo e vestal
se prostram qual romeiro pequenino.

No canto, na poesia, onde estás,
as mãos te louvam, o olhar faminto
bebe cada palavra e o grito assaz
te glorifica “**palavra**” em teu recinto.

Em cada livro a palavra é convite,
Em cada concurso te louvo alvissareira.
Na boca teu som é música requinte,
ó **palavra**, és imortal e sem fronteira.

III Premio Literário Cidade Paulista

16 – Quisera ter Guardado - r

Teus versos nas madrugadas frias,
os sonhos nas noites sem ponteiro,
o ósculo incontido sem roteiro
rasgando o coração em demasia.

Lembrança das horas fado e sina,
da lágrima, meu único esteio
fazendo o coração meu cativo
que guarda teu olhar e me alucina.

Quisera que a dor deixasse marca
no despertar, na neblina, no vazio,
levando na saudade o vento frio
qual náufrago remando sem a barca.

Quisera ter guardada no porão
da alma prece e sonho em oblação.

Da alma prece e sonho em oblação,
não sei em qual momento debrucei,

mas vi o por do sol e desfolhei
minutos e segundos em oração.

Quem sabe ainda existe tatuagem,
sonhos se aninharam não sei onde,
resquícios no topo que suponho
de nacos hibernados na passagem,

dos anos traiçoeiros incontidos,
fazendo jardinagem nas montanhas
querendo acordar sonhos e manhas
de sonho e coração desiludidos.

Quem sabe guardo ainda agonias,
teus versos nas madrugadas frias.

Prêmio Cecílio Barros de Poesia
Academia Cabista RJ

17- Antagonismo

O dia surge, um olhar que deslumbra,
Sol abraçando o mundo é claridade
Treva sugando a noite na penumbra
Duas forças opostas em liberdade.

A chuva molhava a terra condoída
Levando ao solo pranto que afaga,
Suspira a semente grão rogando vida
No mesmo lema escassez e fraga.

Definha a vida, a flor pálida e triste,
A sede cobre a pétala que murchou,
Na lágrima faltou pranto, que acinte,
Canta a natureza, alento não sobrou.

Pela janela gemia o coração aflito,
Descubro no dilema obra e criação
O vento vem soprando, rir. Insisto
Quão sublime o mistério extensão.

No espelho o rosto triste dos invernos,
Dos verões, outonos, quimera amiúde,
Roubados dos anos, rios primaveras,
Que contraste Deus! Vida e ataúde.

Horas sou chão firme, forte, poema,
Noutras, solidão companhia ativa,
Às vezes, serenidade que amena,
Horas furacão farejando a vida.

De repente o amor correu liberto
Que faço das correntes no porão!
Perdi o tino, no rastro só deserto,
Atônitos, errantes, amor e coração.

18 - A Natureza

Quando te olho na imensidão da paz
Minha alma ri remete-se ao infinito

Criador e criação sempre em conflito
Por não entender do mistério solaz.

Respiro a atmosfera, digo oxigênio,
Levando aos pulmões agradecidos
Galhos movimentam-se em alaridos
Pela grandiosidade, dos anos milênios.

Na terra como leito fez-se amante
Aconchegou meu corpo sob o sol
A sombra do arvoredado em arrebol
Cobriu todo encanto neste instante.

Olhar e mente quase sonâmbula,
Flutuam como nuvem em desalinho
Aves chilreando sonata e burburinho
Parecendo paraíso, sonhar preâmbulo.

Ruge a fera ao longe, rei da selva,
Faminto devorador por resistência
A mesma mão carente nutre a relva
Detona a fera em riso e continência

19 - Quisera ter Guardado II

Um sorriso manso e solto,
Um olhar que fosse fogo,
Queimando entre as cinzas,
Rolando sobre as rimas.

Lembrar-me de uma partilha,
Dos sonhos, das manobras.
Que a vida feita em trilha
Chegasse a mim sem sobras.

Quisera ter um sonho,
Que a dor deixasse marca
Chorar saudade ao nada
Revendo, mas suponho...

Que nada existe em mim,
Tão certo e tão querente,
Que vive em toda gente
Não vi nem de repente.

As sombras, só passaram,
Os sonhos se aninharam
Nos topos das montanhas
Vento levou sem manhas.

Estou livre e poetando
Agora, e até quando?
Até que a letra muda
Encante-me na voz surda.

20- A Magia da Mente

Entrei de repente no teu sonhar
Aprofundei-me em teus recatos,
Vasculhei todos os teus medos,
Voltei à tona sem nada decifrar.

Aprofundei-me em teu recato
A alma coberta, a chave oculta,
Insone na penumbra, na escuta,
O pensamento, ah, todo grato.

Deitei na areia o vento gemia,
As ondas açoitavam na distância,
Eu probo, só sentia na constância
Desvendar do caminho a ferrovia.

Vasculhei todos os teus medos
Nos labirintos que a natureza crê
Perfeição e imperfeição do ser
Deparei-me na magia dos bredos.

Voltei á tona sem nada decifrar,
A mente vazia acorada e nua,
Sonhares transeuntes pela rua,
Fingindo liberdade ao caminhar.

Vem enfim a luz, e o verbo amar?
Perdido na pressa, na fuga, na ida,
Nenhum registro na missão finda
Entrei de repente no teu sonhar!

21 - Monólogo

Se penso logo existo, diz Descartes.
Nessa reflexão viajo mundo além,
Além que levo noutro mundo aquém,
Todo mistério divino em belas artes.

A terra gira solta, cá no espaço,
No sonho me embriago sem resposta,
Embora seja caos de mim, sou crosta,
Carrego fardo e cruz, faço e disfarço.

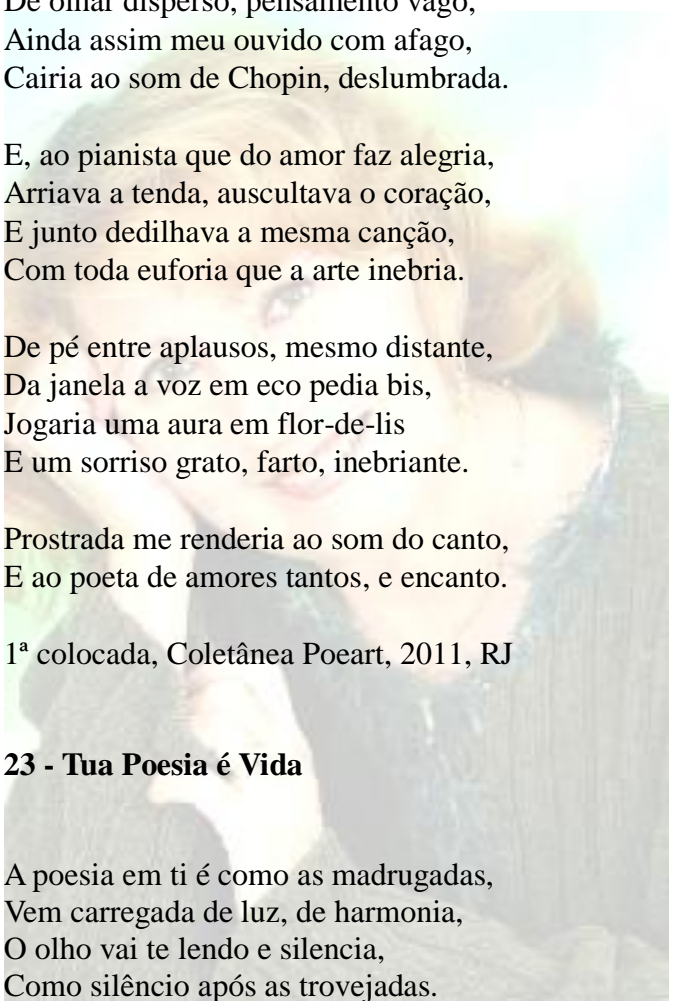
Mesmo tendo o mar força e poder,
Sou dele amante trágica e carente,
Rio abismada, beleza absorvente,
Mas tremo, desafino meu conter.

Quem dera o sonhar fosse utopia,
E meu sonhar miragem sem destino,
Assim em vez de drama eu peregrino,

Faria da viagem outra bonança,
Em vez de treva, rastro de esperança,
Do amor, sangria aberta na alforria.



22 - Ao Som do Piano



Fosse eu uma transeunte apressada,
De olhar disperso, pensamento vago,
Ainda assim meu ouvido com afago,
Cairia ao som de Chopin, deslumbrada.

E, ao pianista que do amor faz alegria,
Arriava a tenda, auscultava o coração,
E junto dedilhava a mesma canção,
Com toda euforia que a arte inebria.

De pé entre aplausos, mesmo distante,
Da janela a voz em eco pedia bis,
Jogaria uma aura em flor-de-lis
E um sorriso grato, farto, inebriante.

Prostrada me renderia ao som do canto,
E ao poeta de amores tantos, e encanto.

1ª colocada, Coletânea Poeart, 2011, RJ

23 - Tua Poesia é Vida

A poesia em ti é como as madrugadas,
Vem carregada de luz, de harmonia,
O olho vai te lendo e silencia,
Como silêncio após as trovejadas.

Nem precisa de sol, de acrobacia,
Palavras vão rimando sem mistério

Mistério, que em vão burla critério
Na mão que corre rápida e fantasia.

Nas horas de saudade te releio,
E leio como vida que revive,
Bebendo da palavra o recheio,

Quase indefesa escondo uma senha,
Deixando o coração que sobrevive
Sonhar, sem apagar tição e lenha.

* Menção Honrosa, “Poesias Encantadas, SP .

24- Nas Tardes Frias

Quando o vento sopra em temporal,
A alma quase infanta se aconchega,
Correndo vai olhar junto ao umbral
Se a lua foi embora, a luz sonega.

O Céu inspira a hora com saudade,
Longe noutro canto do planeta,
Mora um poeta em canto abade,
Que colhe as palavras e se inquieta.

O frio em aconchego pede abraço
A chuva fina beija, o vento invade,
Silêncio e poesia caem no laço.

Poema vai seguindo em sossego.
Lava a lembrança, só saudades,

O barco rema vago, eu me entrego.

25 - Quando o Amor Vacila

Eu sinto dentre d'alma nostalgia
Nas horas do silêncio, da aflição,
Varrendo toda hora a melodia
Que vinha e trafegava na emoção.

E corro, e solto todas as amarras,
Quando a mente em vão faz moradia
Suponho uma porta já sem travas
Uma ave tristonha ao fim do dia.

Debito na mensagem uma oração
Onde encontrar trilho em tal estrada!
Mas vejo lá no túnel a dimensão,

Das horas apagadas e perdidas,
No canto, nas palavras estremadas,
A vida renascendo das partidas.

2ª Antologia Logos, abril 2013

26 – Gota a Gota

De ti recordo quando a tarde cai,
qual onda açoitando forte ventania,
e nela me debruço ao som do dia,

enquanto dobra o sino sonho vai.

Talvez atordoada em tal dilema
num sábado, olhares se postulam,
apressadas pupilas se procuram,
para assim decifrar o teorema!

A gota veio entrando devagar,
se instalou muda em cada poro meu,
quase indefesa cai no meu pensar.

Não viu abismo sequer, só apogeu
por rude tirania do encanto teu,
Gota a gota rugiu, desfaleceu.

Com. 7º Chave de Ouro

27 - Quem Sabe

Um dia de surpresa, neste mundo,
a hora descuidada rompe a treva,
e sobe ao coração grande reserva,
um facho de esperança vem profundo.

Talvez o amor que temos, ainda existe,
sem trégua, sem temor rompe barreira,
talvez hiberne mudo na fronteira,
de susto acorde o ciclo que persiste,

seguir a ordem, rigor da natureza.
A força vence em nós pobres farrapos,

que sofre, chora e rir míseros trapos.

Quem sabe o céu envie nova receita,
e o homem refaça sua colheita.
varrendo ódio, o amor vista nobreza.

Com. 7º Chave de Ouro, SP

28 - Fecho os Olhos

Fecho os olhos e moldo tua imagem
Cada pedaço pincelando o sonho
Sorriso que acolhe, e na miragem,
Outro sorriso vai arguto e bisonho.

De tanto exercitar essa façanha
A imagem retrata com perfeição
Traços em nitidez sem artimanha
Linhas contornando boca e mão.

Sede, olhar sedento no vento solto
Pássaros trinando ao anoitecer
O mar rugindo, canto silencioso.

Tudo confabula no tempo envolto.
Mateiro sonho vem o amanhecer
Até que o olhar acorde majestoso.

(PoeArt) Chade de Ouro) RJ

29 - Mentas Poéticas

Quando percebi as palavras no tempo
Estavam nas mãos, no papel, na mente
Olhavam para mim, tímidas, presente,
Acatei como simples passatempo.

Fui navegando feito rio na enchente
Levando pedaços, remando dor,
Fiz dos pontos, final de desamor,
Das vírgulas, parada sobrevivente.

Uni as sílabas em frases divisas,
Freando nos versos limites e rimas,
Estrofes bailavam em odes balizas.

A mente enamorada caiu no laço.
Segui nos seus passos fontes e sinas
Abraçei causa e arte pelo cansaço.

30 - Devaneios

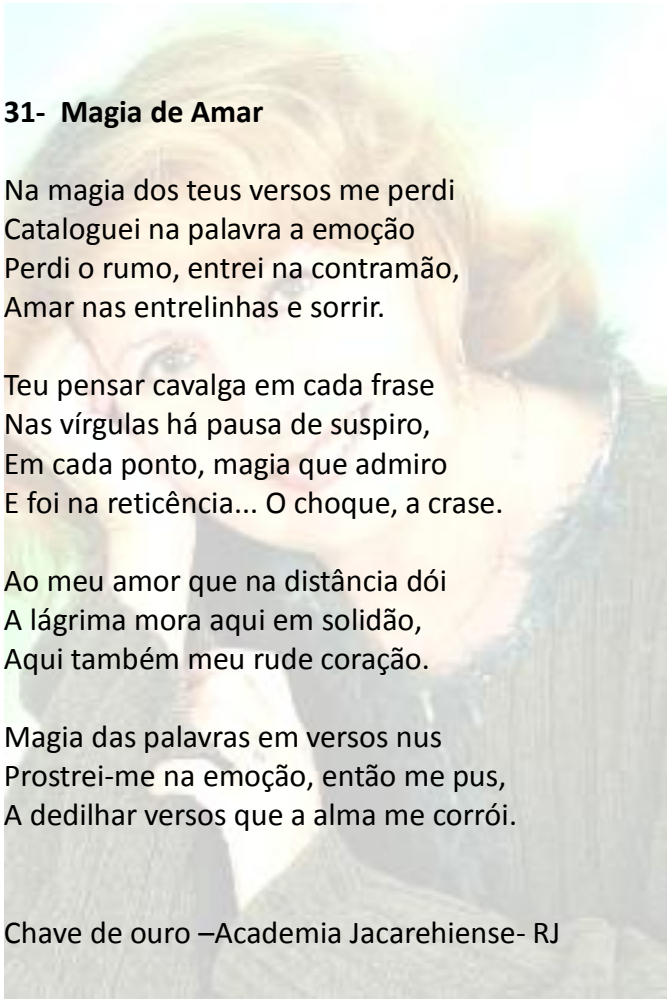
Se pudesse te amar, talvez um dia,
um minuto sequer de amor eterno,
quem sabe, tanta angústia que assedia,
tornasse o devaneio manso e terno.

Vem a noite e mais uma noite vem,
o olho pernoitando rouba o sono
na janela fria o sonho se detém
estrela confabula sina e mono.

Nas horas de saudade vejo o tempo
nem olha para traz, sereno e surdo
de tanto vê amor sozinho e mudo.

Quem sabe meu sonhar seja pequeno
e esse amor tão frágil seja ameno,
o coração não ame em contratempo.

Chave de ouro – Academia Jacarehiense RJ.



31- Magia de Amar

Na magia dos teus versos me perdi
Cataloguei na palavra a emoção
Perdi o rumo, entrei na contramão,
Amar nas entrelinhas e sorrir.

Teu pensar cavalga em cada frase
Nas vírgulas há pausa de suspiro,
Em cada ponto, magia que admiro
E foi na reticência... O choque, a crase.

Ao meu amor que na distância dói
A lágrima mora aqui em solidão,
Aqui também meu rude coração.

Magia das palavras em versos nus
Prostrei-me na emoção, então me pus,
A dedilhar versos que a alma me corrói.

Chave de ouro –Academia Jacarehiense- RJ



32 – Da Janela

A chuva fina caía suave e fria
sentada na calçada, a solidão,
corpo sob a lona talvez gemia
a alma já faminta sem emoção,

o vento açoitava ao som cantante
qual música triste em melancolia,
o cão de guarda fiel e sem limite
lambia sua parceira em agonia.

a mão Divina ordenou à natureza,
o silêncio caminhava devagar,
a água obedeceu sem protestar.

Foquei a luz do olhar contrito e vago,
amor ali prostrado, frio e afago,
cão e cadela salvos, quanta beleza!

Chave de ouro-Academia Jacarehiense – RJ

33 - Não tem Preço

Cada pedaço que vem de teu olhar.
Ora meu olhar sorrir e fica inerte,
Ora furacão oculto, mudo, investe,
Não sei se vou, se fico a contemplar.

Não tem preço o sorriso que me envias
Cedo, ao cruzar sinal vermelho, ali,
Coração em tic tac rima por aqui,
Não sei se paro, freio, grito avarias.

Se amar, não sei, nem se te quero ainda,
Querendo te querer, vivo em dilema,
Não vi tal solução no teorema.

Sei que o ímã do olhar fere calado,
A imagem do sorriso leva ao fado,
Silencio hibernado, que não finda.

VI festival de sonetos Jacarehiense

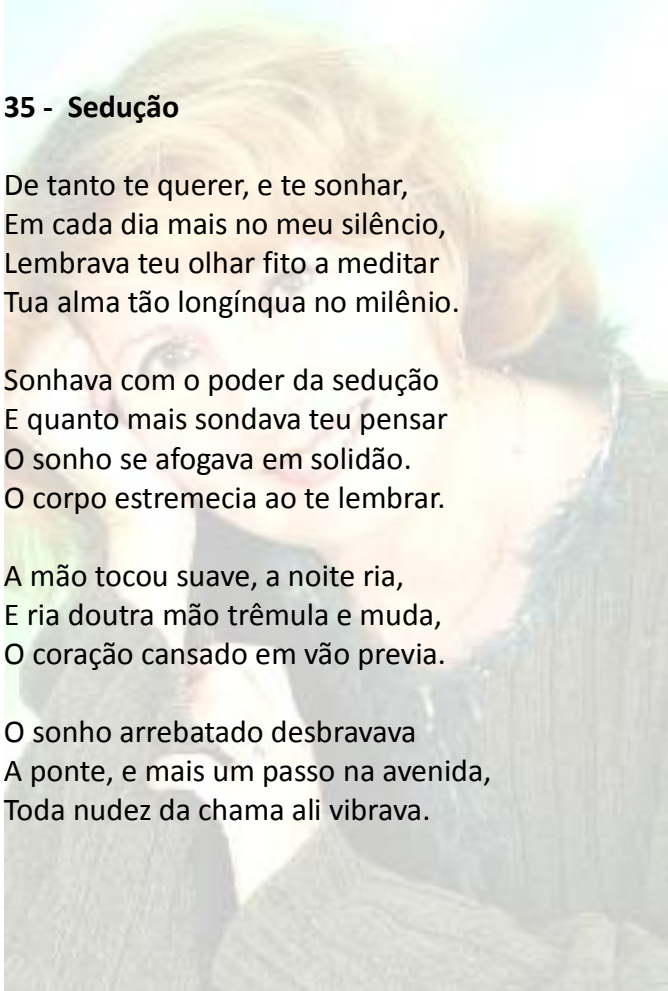
34 - Êxodo

Quem dera que na mão que acaricia,
tocasse a mão da filha fraca, e nua
de amor, mendigando pela rua
o pão, e na carne o corpo sem valia.

Na madrugada o sol quase nascia,
o frio açoitava, a dor sangrava,
na pele riscos trilhavam, se via
a dor que bramia, a voz chorava.

Quem sabe asa de anjo ali roçasse
por descuido, a criança desvalida,
ou na sina outra rosa desfolhada,
vagasse poucos anos, num relace
a terra recebesse sem guarida.
Casulo rebentou, a flor veio folhada!

VI festival de sonetos Jacarehiense- RJ



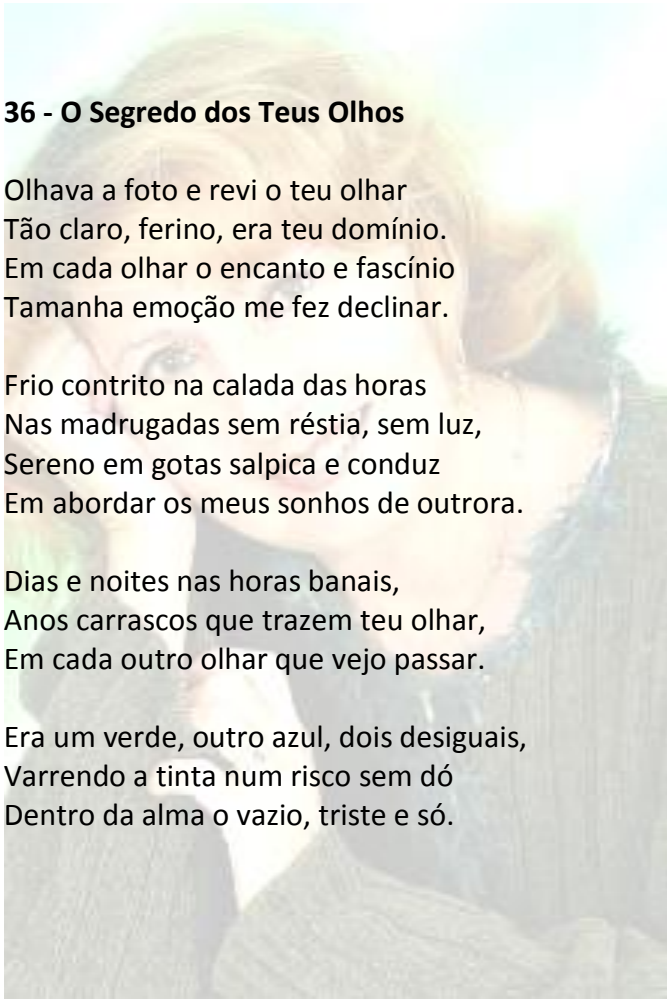
35 - Sedução

De tanto te querer, e te sonhar,
Em cada dia mais no meu silêncio,
Lembrava teu olhar fito a meditar
Tua alma tão longínqua no milênio.

Sonhava com o poder da sedução
E quanto mais sondava teu pensar
O sonho se afogava em solidão.
O corpo estremecia ao te lembrar.

A mão tocou suave, a noite ria,
E ria doutra mão trêmula e muda,
O coração cansado em vão previa.

O sonho arrebatado desbravava
A ponte, e mais um passo na avenida,
Toda nudez da chama ali vibrava.



36 - O Segredo dos Teus Olhos

Olhava a foto e revi o teu olhar
Tão claro, ferino, era teu domínio.
Em cada olhar o encanto e fascínio
Tamanha emoção me fez declinar.

Frio contrito na calada das horas
Nas madrugadas sem réstia, sem luz,
Serenos em gotas salpica e conduz
Em abordar os meus sonhos de outrora.

Dias e noites nas horas banais,
Anos carrascos que trazem teu olhar,
Em cada outro olhar que vejo passar.

Era um verde, outro azul, dois desiguais,
Varrendo a tinta num risco sem dó
Dentro da alma o vazio, triste e só.

37- Viajante do Tempo

I

Vejo-te assim sem obstáculo, limite,
Varrendo horas semeando segundos,
Mesmo que no poço não haja fundos
De ti, ó tempo nunca estamos quite,

O maior oráculo de consultas tantas
Curador dos males, do esquecimento,
Tudo apagas, dos rastros és unguento,
Tudo em ti é espera, e esperas quantas!

Dei-me a ti passageira incansável
Debrucei-me na leitura do saber
Quanto mais te lia pra compreender
Mais confusa me deixavas aliável,

E nas horas que me roubas o amor
És de mim meu único mediador,



II

És de mim meu único mediador
Consolando a alma fragmentada
Os insanos sonhos que em furor
Galgaram os anos numa escalada

De tempestades, pouca afoiteza,
Oras em calmaria fitando o porto,
Outras vezes no remo e destreza
Espistando o caminho do horto.

Bem sei que a vida é armadilha
As portas abertas, o tráfego livre,
O coração andarilho perde a trilha
Sem saber do caminho hora e drible.

Mesmo que insano sejas amiúde
Sou de ti cativa, ó tempo rude.



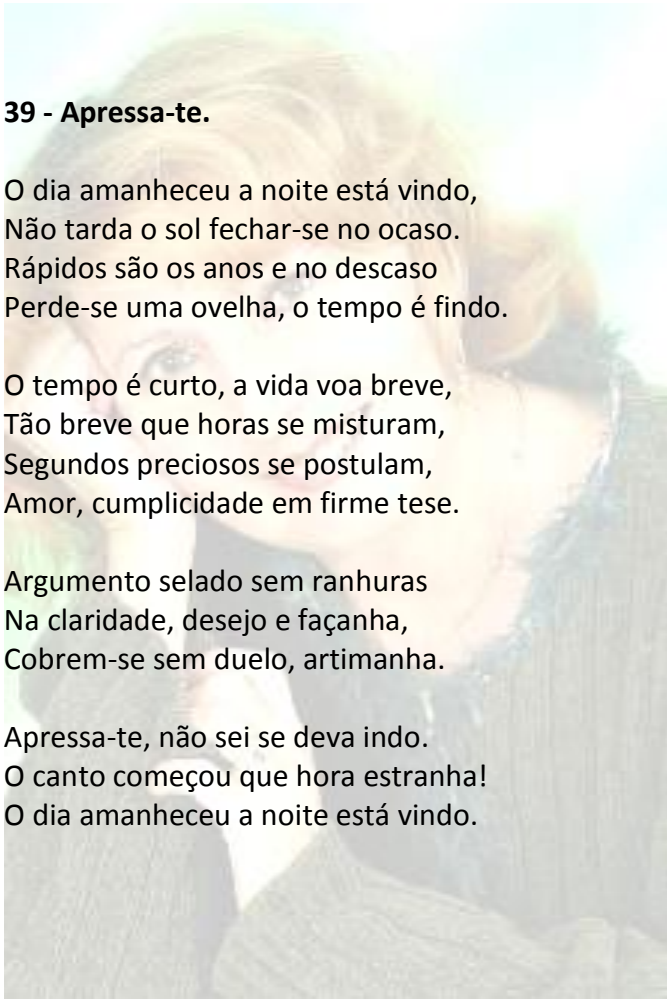
38 - A Música do Mar

É como um bramido em canção diária,
Força que a natureza sem recuo
Emite em eco e nele já flutuo,
Absorta em prece quase necessária.

Nas ondas a labuta sem promessa,
Em rito e beleza soa amplidão,
Comunga nesta hora a multidão,
Deitada na areia, em vão professa.

Dedilhando a música sem orquestra,
Afina-se nas ondas sem batuta,
O canto da emoção vem como mestra.

Levando ao vento o som arrebatado,
Gigantesca mensagem absoluta,
Da mais bela canção em seu teclado.



39 - Apressa-te.

O dia amanheceu a noite está vindo,
Não tarda o sol fechar-se no ocaso.
Rápidos são os anos e no descaso
Perde-se uma ovelha, o tempo é findo.

O tempo é curto, a vida voa breve,
Tão breve que horas se misturam,
Segundos preciosos se postulam,
Amor, cumplicidade em firme tese.

Argumento selado sem ranhuras
Na claridade, desejo e façanha,
Cobrem-se sem duelo, artimanha.

Apressa-te, não sei se deva indo.
O canto começou que hora estranha!
O dia amanheceu a noite está vindo.



40 - A Força do Abraço

O abraço nasce no primeiro grito,
No colo materno a calma se aconchega.
Escuro confuso no espaço infinito
Impacto, claridade, o abraço se abriga.

Quando a solidão navega no profundo
A oferta do abraço cura a dor da alma.
Em cada abraço nasce um novo mundo,
Em cada emoção a vida sopra calma.

O abraço da criança move esperança,
É gota umedecendo em cada choque,
Pureza e doçura em sã aventura
Amor regando abraço em cada toque.

De repente o amor se faz presente
Na ânsia do abraço o corpo se deleita

Na pele o contato qual rio afluente
Dois braços num abraço persistente.

A força do abraço vence a dor,
Dor que mora na escassez do abraço.
Não deixe que o abraço seja delator
Da falta do amigo, do amor sem laço.

41 - Reencontro

E veio a mocidade com sorriso
os sonhos pernoitaram no silêncio,
calmos sob a força sem improviso
minutos parecendo ser milênio.

O amor na espera sem ter pressa
nasceu de um olhar inesperado
ouvindo extasiada a palavra
guardei-a, foi sigilo inacabado.

Os dias inimigos caminharam
sem tréguas, no domado coração
não houve espera, naufragaram
nas dores ou alegrias que virão.

Um dia uma nuvem hábil e sutil
Encobriu a passagem desse amor.
aonde foi? Na correnteza sumiu
os afluentes levaram a mesma dor.

O tempo consertando cada peça
fechou a cicatriz, rompeu as vestes
da alma, desbotada de menina
emoldurou a mulher cios e testes.

Na calçada o grito em tom delírio
ó amada, musa de meus sonhares
o olhar incrédulo posto em fito
sorriu, refugiou-se em seus penares.

O tempo em fita lenta projetou...
o coração? Silenciou sem burburinho
do reencontro tardio, nem roçou
na mesa o adeus sem pão, sem vinho

42 - Olhares que Ficam

São como tochas vivas no olimpo
Dois diamantes claros, reluzentes,
Catalogados em trabalho garimpo
Estacionados como rios afluentes.

Nunca apaga, é luz a meio termo,
Que rega e umedece a rude alma,
O brilho invadindo sonhos ermos
Leitura diária que a mente acalma.

Quando na filmagem rápida, fixa,
Lembrança regressa na passagem,
Contemplação imortal em crucifixo

Adormece o desejo, sou aragem.

Neste momento impar, raridade,
Qual luzeiro iminente infiltrado
Noutro olhar felino, amor verdade,
Terreno fértil em sonho abnegado.

Olhares que ficam como tatuagem
De tão intenso, que me amordaça,
Como apagá-los feito santa imagem
Lembrarei como luz viva que abraça.

43 - Pacto e Emoção

Fiz um pacto razoável com o tempo
Caminhas, mas não leva meus anseios,
Na rotação corrida e contratempo
Dá-me espaço, reserva sem sorteios.

Às vezes quando sinto tua força
Sem força meu pensar se confabula
Com a alma indefesa quase fosca
Remete-me ao luar e especula:

Não queres nestas noites calmaria
Traçar comigo a sorte cartomante,
Regar com teu luar em romaria,
Os sonhos emboscados dos amantes?

Tristonha entre nuvens vai sumindo
Meus olhos lacrimejam em amiúde
E eu nem sei por onde, inda sorrindo,
Gritei um grito mudo, fraco e rude.

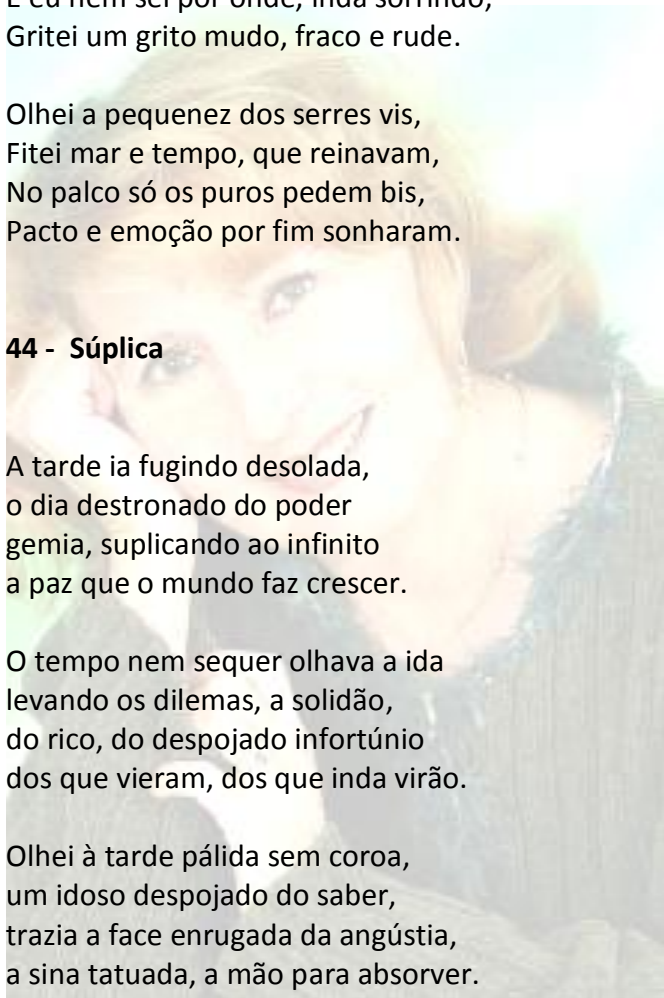
Olhei a pequenez dos serres vis,
Fitei mar e tempo, que reinavam,
No palco só os puros pedem bis,
Pacto e emoção por fim sonharam.

44 - Súplica

A tarde ia fugindo desolada,
o dia destronado do poder
gemia, suplicando ao infinito
a paz que o mundo faz crescer.

O tempo nem sequer olhava a ida
levando os dilemas, a solidão,
do rico, do despojado infortúnio
dos que vieram, dos que inda virão.

Olhei à tarde pálida sem coroa,
um idoso despojado do saber,
trazia a face enrugada da angústia,
a sina tatuada, a mão para absorver.



Ao lado a criança desnutrida
sem prece, sem amor, a tarde ria.
Indago, ó Deus, quanta ironia!
Aqui a desventura, lá soberania.

Segui, o pensamento escreveu:
a sorte é sacrário, onde a chave?
Deserto, o coração emudeceu,
Supliquei ao céu novo legado.

45 - A Canção do Silêncio

Olhando a lua solitária e triste
Envolta em nevoeiro fosco errante,
Ouço uma canção em duo amante
De sons ocultos em coral despiste.

Da janela eu vejo o fim do ocaso
O som silencioso em ondas gigantes
Parece uma sinfonia o choro arfante
Rogando a natureza em longo prazo.

A alma extasiada bebe o momento
Galopa junto ao vento de som surdo
Encanto que a visão chora em tormento.

Pudesse eu fazer do canto e silêncio
Canção e ritmo acordes sobre o mundo
Leria as gerações, a paz sob o milênio.

46 – Um Segundo Apenas

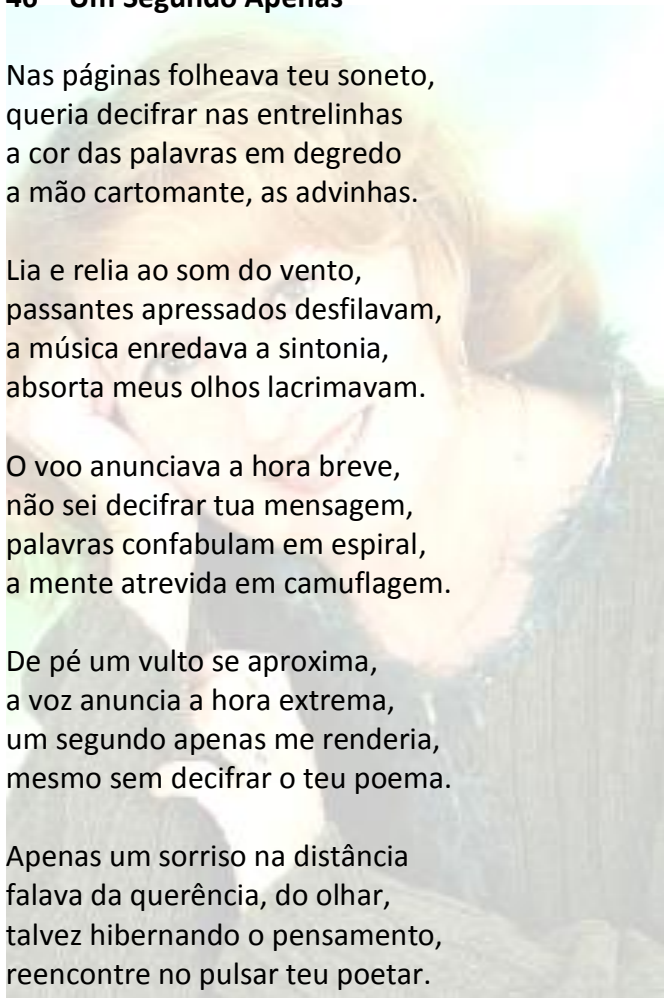
Nas páginas folheava teu soneto,
queria decifrar nas entrelinhas
a cor das palavras em degredo
a mão cartomante, as advinhas.

Lia e lia ao som do vento,
passantes apressados desfilavam,
a música enredava a sintonia,
absorta meus olhos lacrimavam.

O voo anunciava a hora breve,
não sei decifrar tua mensagem,
palavras confabulam em espiral,
a mente atrevida em camuflagem.

De pé um vulto se aproxima,
a voz anuncia a hora extrema,
um segundo apenas me renderia,
mesmo sem decifrar o teu poema.

Apenas um sorriso na distância
falava da querência, do olhar,
talvez hibernando o pensamento,
reencontre no pulsar teu poetar.



47 – Metade de Mim

Metade de mim é euforia,
outra metade silêncio, solidão,
talvez catalogo rara anistia
quem sabe amestrando o coração.

Metade de mim é sorriso farto,
outra metade, face em mistério.
Riso que acolhe sem cansaço,
no abismo da mente o critério.

Metade de mim é luz que acende,
outra metade escuridão, camuflagem.
Portas abertas, sol que me aquece,
terra fértil pedindo adubagem.

Metade de mim é perfeição,
outra metade imperfeita carente.
Caminheira em estradas, sertão,
rio corrente procurando vertente.

Metade de mim é fé, segurança,
outra metade mistério sem rota.
Ultrapasso a ponte, voo distante,
Busco a via, labirinto sem porta.

48 - Matemática do Amor

Somei teus olhares para mim,
Tantos foram que perdi a conta.
As parcelas desvirtuaram assim:
O total errou, só calculou afronta.

Não pude multiplicar teu desejo,
O multiplicador saiu da rota.
Desviei o olhar e deu desprezo
O produto coitado saiu da cota.

Mostrei a diferença nos espaços,
A soma encabulada não desistiu.
Dividi com a vizinha os cansaços
Continuou fugir com seu ardil.

Subtraí a fala sem eloquência
Para calar o outro que sorriu,
Veio o minuendo em essência
Marginalizou o resto que partiu.

Indaguei a amiga da mesa:
Fica com o divisor estou saindo!
Mas a coitada casada e obesa
Agarrou o quociente ia fugindo.

Eu queria um círculo fechado
Sem triângulo para meu amor.
Multiplicar um sorriso arejado
Dividir sonho sem desamor,

Subtrair teu ciúme, jogar do lado,
Somar meus sonhos aos teus,
Na estatística um final alucinado,
Cem por cento totais dos sonhos meus.

49 - Palavra Maravilhosa

Não te conheço, Rio de Janeiro,
Mas te canto nos meus versos quentes
E sonho com teu porte aventureiro
E tuas belezas com pontos pertinentes.

Imagino-te fagueira, majestosa,,
Acolhendo o turista, braços abertos,
Cristo Redentor, mão copiosa,
Qual mestre ordenando concertos.

Sudeste é teu leito como herança,
Misturas diversas da nossa etnia,
Embelezando a raça que professa
Teu nome, no samba em harmonia.

A mente pousa no colorido da festa,
No arco-íris da avenida em desfile,
É a natureza viva ao grito da floresta

Com aplausos, e meu olhar partilha.

Cheguei a Copa Cabana vejo o mar
O olhar deita ao longe na escultura
A natureza emoldurou no silêncio
Pão de Açúcar marco rijo e ternura.

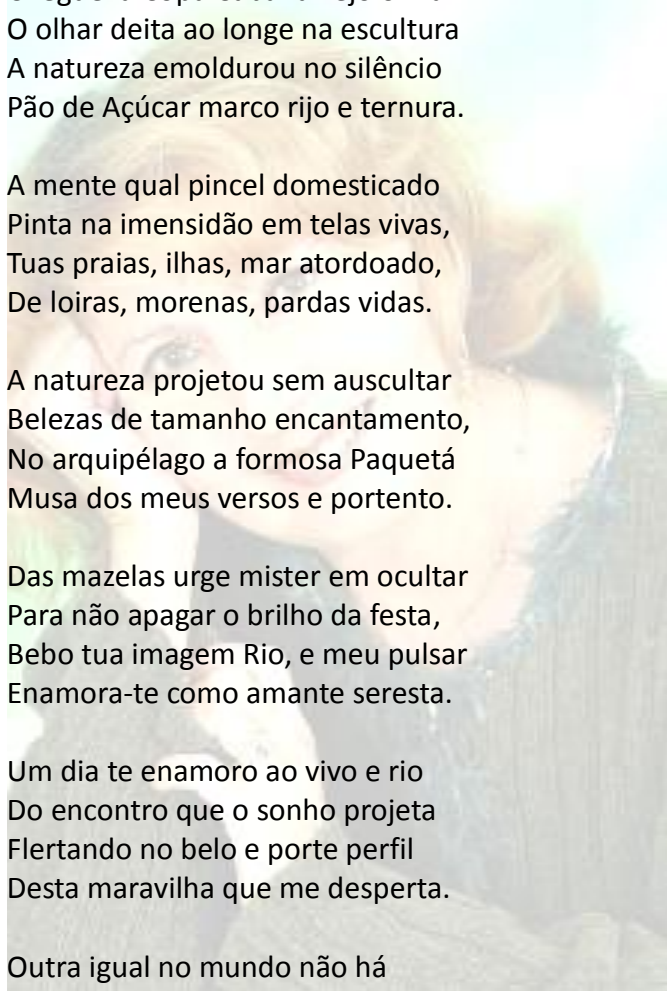
A mente qual pincel domesticado
Pinta na imensidão em telas vivas,
Tuas praias, ilhas, mar atordoado,
De loiras, morenas, pardas vidas.

A natureza projetou sem auscultar
Belezas de tamanho encantamento,
No arquipélago a formosa Paquetá
Musa dos meus versos e portento.

Das mazelas urge mister em ocultar
Para não apagar o brilho da festa,
Bebo tua imagem Rio, e meu pulsar
Enamora-te como amante seresta.

Um dia te enamoro ao vivo e rio
Do encontro que o sonho projeta
Flertando no belo e porte perfil
Desta maravilha que me desperta.

Outra igual no mundo não há
Cidade brasileira a mais formosa
Colônia, cidade de Estácio de Sá,



Rio de Janeiro - palavra Maravilhosa.

Selecionado para a Antologia dos 446
Anos do Rio de Janeiro, em 2011



50 - Quisera ser Papai Noel

Plantava um jardim em cada coração,
Uma só flor em cada pensamento,
Na canção do Natal luz e emoção,
Paz reinando com ao sabor do vento,
Ao menos um dia sem desilusão,

Na criança que faz da rua o lar
Levaria um sorriso mesmo leve,
Que fosse sem escolha, o amar
A passagem da vida dura, breve,
Ao menos um dia em seu olhar.

O sorriso honrado da infância,
Direito universal sem fronteira,
Ofertaria na face em abundância,
A paz sem muro, sem barreira,
Ao menos um dia sem vigilância.

Apagaria as guerras desnutridas
De amor, criando muros de canil,
Daria pontes à passagem, as vidas,
Voava na minha rena cor de anil,
Ao menos um dia sem a mão ardil.

Faria aniversário ao Menino Jesus,
Mãos unidas para todas as raças,
Apagava as trevas, acendia a luz,
Ao menos um dia ação de graças.

51 - Noite Natalina

A cidade não dorme faz vigília
As luzes piscam clarão iminente
No culto a manjedoura em família
Relembra o Jesus Menino indigente.

No estábulo um humilde sacrário
Longe o império dos afortunados
Nasce uma vida vence o adversário,
Reina o menino, traz fardos e fados,

Na luz do luar sob a claridade
Testemunha visão que transforma
O mundo, com o Deus liberdade,
Chega até nós o perdão, a reforma.

É aniversário do Menino Jesus
O comércio agita-se, o lucro corre,
Não esqueçamos o anfitrião luz,
Alvo no ápice da gigante torre,
É aniversário do Menino Jesus.

AVSPE- Menção de Louvor

52 – Fragmentos dos Sonhos

Estava absorta olhando o infinito,
Vi em cada estrela a mão do poeta,
Em cada palavra caminho sem meta,
Em cada ponto outro olhar aflito.

A mente voava, avistou o luar,
Com luz embaçada entre nuvens,
Abraços se davam sem as cruces,
Apenas sorrisos vibravam no ar.

A terra suspensa girava tranquila,
Sem gases, sem gritos na amplidão,
A luz foi sumindo cantava um refrão.
A paz se alastrava molhando a argila.

Os pingos rolavam na face carente,
Surgiu o amor, tranquilo, não sei,

Só vi o querer sorrindo, e me dei,
Em cada momento qual rio corrente.

Abraço roçou dois corpos risonhos,
Fez-se mudo o luar, em cada emoção,
O pensar despertou, destronou coração,
Apenas vivi fragmentos dos Sonhos

Abrace cultura- Espanha,
Jornal O Estado MS

53 – Quando?

Quando te verei terra rica, amada,
saciada de amor, quando verei,
irmãos abraçados, eu nunca sei,
ou no vermelho do asfalto a pegada.

No debruçar da janela, meus vazios
unem-se solitários do outro lado,
ao mirar o vulto velando o achado,
no açoite do vento, mil desafios.

Quiçá fosse de amor chuva e sol,
horas percorressem em calmaria,
minutos ajoelhados sem romaria,
idoltrassem natureza em seu paiol.

No berço todo olhar regasse afeto,
e nunca a correnteza em tom silente,
levasse uma vida, que sorte ardente!

Saída das entranhas sem lar, sem teto.

Quando meu olhar verá da porta,
Sorrisos sem dor, dor que lacera,
e quando a chama em sã quimera,
atine o timoneiro e onde aporta.

O mundo está em chamas. Vejo ali,
na tela, no comércio, na calçada,
o mar em reboliço traz na alçada,
o ébrio, o jovem que vive a consumir.

Bem longe o fogo queima a pele nua,
no lar desassossego, lágrima e dor,
talvez o mundo não deságue a rua,
nós passageiros com sina e desamor.

. Poesia, Revista literária,

54- Amor. Viva esse espetáculo

Vejo o amor em todas as dimensões:
Ao nascer, compartilhando a vida,
No olhar materno acolhendo abraço,
Nos primeiros passos em acolhida.

Ao mirar a terra, grande doação,
Amo a natureza, as aves voando,
Vejo uma tela viva onde o escultor,
É o inventor fabuloso do plano.

Quando absorta olho a imensidão
Das ondas revoltas, em rouco silêncio,
Minha alma oculta no fundo abismo,
Ama nessa hora, recolhe o tormento.

Quando a noite dorme e a lua acende,
Meu fitar namora hora tão sublime,
Vem à poesia, crio amor imenso,
E meu coração renasce a cada dia.

Se em cada família que habita a terra,
O amor morasse puro e constante,
A tinta vermelha não sujava o asfalto,
Seria elo, o amor, partilha abundante.

Que seja o amor à força maior,
Vencendo barreiras, unindo povos,
Em cada sorriso do amor sacrário,
Viva este amor, viva este espetáculo.

55 – Em Cena

O vento soprava inquieto,
Mal a noite escondia a luz,
Na sala de estar ao relento
A vida embrulhada e, eu pus,

Um olhar triste indagador.
Ó céu, que sustentas o espaço,
Abranda o trovão, solta o laço,

Por que geras a vida na dor?

O berço tão duro sem riso,
Gotas de areia arranhavam,
A pele fina tão frágil, sem viço,
Os olhos sem luz imploravam:

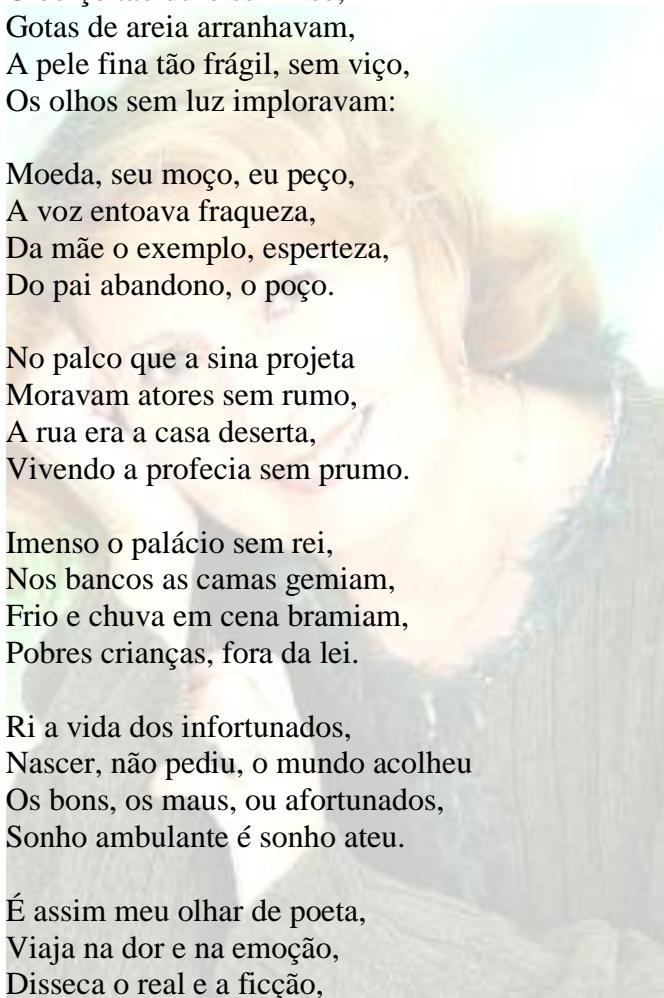
Moeda, seu moço, eu peço,
A voz entoava fraqueza,
Da mãe o exemplo, esperteza,
Do pai abandono, o poço.

No palco que a sina projeta
Moravam atores sem rumo,
A rua era a casa deserta,
Vivendo a profecia sem prumo.

Imenso o palácio sem rei,
Nos bancos as camas gemiam,
Frio e chuva em cena bramiam,
Pobres crianças, fora da lei.

Ri a vida dos infelizes,
Nascer, não pediu, o mundo acolheu
Os bons, os maus, ou afortunados,
Sonho ambulante é sonho ateu.

É assim meu olhar de poeta,
Viaja na dor e na emoção,
Disseca o real e a ficção,
Cada angústia, a mente disserta.



56 - Alô, 2015

O sol amanheceu olhando o dia
Colheu em cada olhar a emoção
Mirei, pensei que a felicidade irradia
E planta sonhos, rega o coração,

De amor, perdido em vãos minutos
Atropelando dias, varrendo as horas,
Tempo perdido, atônito, e segundos
Corta a esperança, o mal aflora.

A rua está deserta tudo é silêncio,
O pensamento pousa nas lembranças,
E vi que o tempo corre nos milênios,
Quizá, um ano cheque em fianças.

Roguei aos Céus por proteção diária,
O mundo está em crise, à mão dispara,
Os homens não entendem a culinária
A fórmula da paz, a mão que ampara.

Pudesse eu domar a rebelde criação
Faria em cada lar um sólido abraço,
No mundo um só discurso de união,
Amor e fraternidade no mesmo laço.

Um ano onde o bem vencesse o mal,
As portas fossem abertas ao irmão,
Caíssem os muros e a bênção Divinal

Fizesse do amor pacote de afeição.

57 - Natal

Vem o Natal se aproximando
Festejos unindo nossas mentes
As luzes das cidades brilhando
No comércio barulhos frementes.

O Céu canta a glória esperada
Com o aniversário de Jesus
Lapinhas as mais variadas
No coração acende uma luz.

Repensemos o passado agora.
Festejemos o presente urgente
O futuro é hoje tente agora
Louvemos amigos e parentes.

É tempo de fraternidade, perdão,
Tranquilidade e reconciliação,
Coração esbanjando amor-união,
Gratidão pelo que temos à mão.

Mais um louvor ao aniversariante
Que mendiga pelo nosso olhar.
Não me esqueçam neste instante
Unamos as mãos vamos orar.

No Livro: Datas Comemorativas em Poesias



Sonia Nogueira - Nascida em Giqui, Jaguaruana, povoado das grandes enchentes do Rio Jaguaribe, que expira prosa e verso. Foi nas terras dos carnaubais, com ruas parecidas com que as descreve Cecília Meireles. Com a imaginação aprendeu o valor da palavra pensada, ouvida e escrita. Leitora assídua, desde criança lia tudo que chegava a suas mãos: cordel, leitura infantil, revista em quadrinhos, entre outras. Por esta razão gosta tanto de escrever.

Graduada em História, Estudos Sociais, pós-graduada em Planejamento Educacional, Língua Portuguesa e Literatura. Participou de 60 antologias, ganhadora de cinco concursos, 26 Menções Honrosas, Cinco medalhas, sendo duas, Prêmio Buriti. Agraciada com 9 Troféus: dois Cecília Meireles, três Drummond de Andrade, Categoria Especial, Mulheres Notáveis, troféu Of Art And Educacion Austrain, 2013, em Viena; Catálogo Luso-brasileiro melhores poetas de 2014; Prêmio Ideal Clube de Fortaleza; Troféu 70 anos da ADB, 2014; Catálogo Melhores Poetas 2014, Luso-

brasileiro Mágico de OZ; Comendas: Castro Alves, Luis Vaz de Camões, 2014. É Sócia Efetiva em quatro Academias de Letras.

São de sua Autoria: Eu Poesia Contos e Crônicas, Datas Comemorativas em Poesias, No Reino de Sininho, A Pequena May, Nas Entrelinhas, Na Janela Azul. Contação de História Infantil, Por Justa Causa, contos.

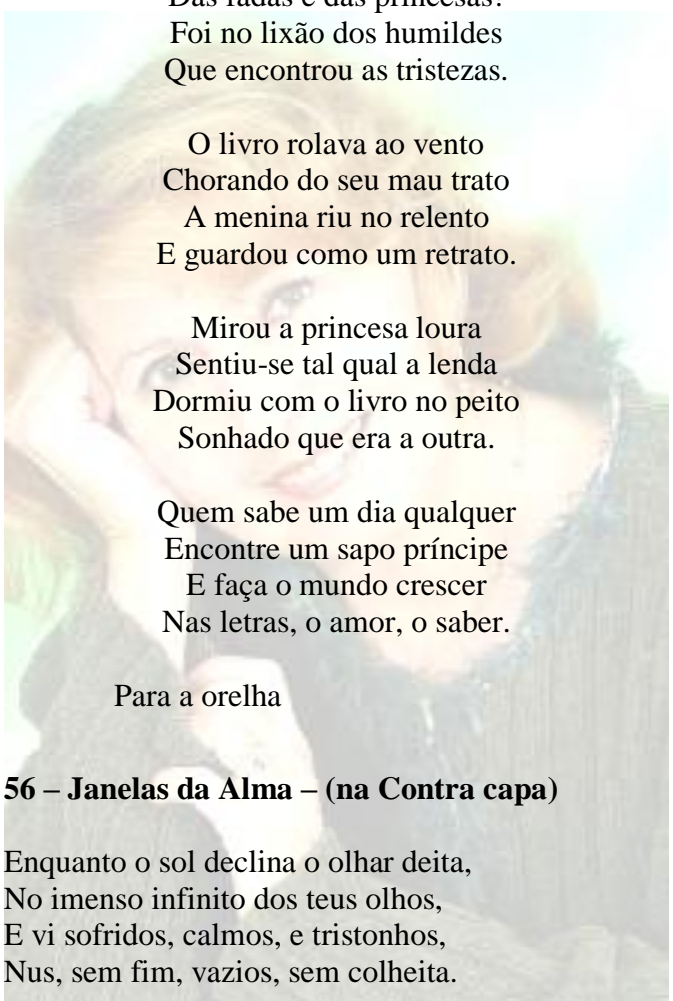
*Um conto de Fadas

Foi um dia na escola
Escola pobre do bairro
Pôs o livro na sacola
Boneca só as de barro.

A professora na sala
Contava história de fada
A menina ali sonhava
O livro velho folheava.

Sonhava com as letrinhas
Queria lê o mais rápido
Para contar historinhas
No domingo ou no sábado.

As letrinhas dançavam
Veio às sílabas a bailar
As frases já deslizavam
Na boca o alfabetizar.



Onde encontrar os livros?
Das fadas e das princesas!
Foi no lixão dos humildes
Que encontrou as tristezas.

O livro rolava ao vento
Chorando do seu mau trato
A menina riu no relento
E guardou como um retrato.

Mirou a princesa loura
Sentiu-se tal qual a lenda
Dormiu com o livro no peito
Sonhado que era a outra.

Quem sabe um dia qualquer
Encontre um sapo príncipe
E faça o mundo crescer
Nas letras, o amor, o saber.

Para a orelha

56 – Janelas da Alma – (na Contra capa)

Enquanto o sol declina o olhar deita,
No imenso infinito dos teus olhos,
E vi sofridos, calmos, e tristonhos,
Nus, sem fim, vazios, sem colheita.

Pus-me a indagar por teu silêncio,
Que sonhos se aninharam em ti?

Talvez, quem sabe, eu não percebi,
Os males que no mundo é milênio.

O pensamento cismou em divagar,
Em cada cratera do abismo d'alma,
Vi rostos filtrando vida e calma,
Que mora no semblante a vagar.

Nas linhas do horizonte uma tela,
De colorido pincelado ao vivo,
Mão divina pintou de olho altivo,
Toda exuberância na tarde bela.

Absorto pensamento em comunhão,
Revi o olhar faminto e tristonho,
De repente despertei e me proponho,
Prostrar-me ao poder da criação.

BOA LEITURA

AOS AMANTES DA POESIA

Sonia Nogueira

